

**O capataz de Salema**



*Joaquim Cardozo*

# **O capataz de Salema**

*Uma conjetura dramática*



## **Sumário**

<b>O capataz de Salema</b>	15
<b>Personagens</b>	17



# O capataz de Salema

*Uma conjetura dramática*



---

## Personagens

**O Mar** (*os seus rumores devem ser gravados e combinados segundo as circunstâncias*)

**Capataz de Salema**

**Luzia**

**Sinhá Ricarda**, *sua avó e madrinha*

**Um pescador**



*A cena se passa numa praia do Nordeste brasileiro, próxima à cidade de Olinda.*

*Numa pequena casa de pescador, de taipa rebocada, coberta de palha e de zinco; a casa dá a frente para o mar. Nesta casa moram sinhá Ricarda e Luzia, sua neta; sinhá Ricarda é mulher velha e doente, está sempre deitada num jirau baixo que lhe serve de leito, situado próximo à janela na sala da frente; e esta sala se comunica com o interior por um corredor que vai dar à pequena cozinha e por uma porta que dá acesso ao quarto de Luzia. Ambas já se encontram recolhidas, pois já é quase meia-noite. Ouve-se próximo o rumor do mar exprimindo sonoridades como as de alguém que chorasse ou cantasse um canto alegre ou ninar de meninos, às vezes também rugidos, latidos, rumores de coisas arrastadas, derrubadas, rumor de rolar de dinheiro, de rodas girando muito longe, etc. Tudo produzido pela ação do vento que vem do mar.*

*O mar como personagem nessa peça intervém sempre, nos momentos adequados, com esses rumores.*

*A ação começa com alguém que bate à porta. Luzia levanta-se e vem até a porta.*

**Luzia** Quem é que bate? Quem é?  
É muito tarde, não posso  
Abrir.

**Capataz** Mas... Sou eu, João,  
O capataz. Cheguei tarde.  
Quero ver-te; abre, Luzia.

**Luzia** (*reconhecendo a voz do capataz*)

Por que tão tarde chegaste?  
É tarde... tarde demais.  
Por quanto tempo ficaste  
Ausente.

**Capataz**

Bem desiguais  
Têm sido os nossos destinos.  
Há muitas horas navego,  
Pois vim de mares distantes:  
Por isso a minha demora,  
Em bater à tua porta  
– Escuro bater de cego.

**Luzia** (*Abrindo a parte de cima da porta. Um pouco aflita*)

Que queres de nós? Que queres  
Nos informar a estas horas?

**Capataz**

Não tenho tempo a perder...  
E o que quero de ti já sabes.  
Vim tentar a última vez.  
Não posso me convencer  
Dessa triste realidade.

**Luzia**

Realidade?

**Capataz**

Decisão  
Tua a meu respeito. Venho  
Num pedido derradeiro,  
Junto a ti quase a implorar

Que me digas a razão

Por que... por que me repeles.

*(Ouve-se o rumor do vento e das ondas batendo na praia como um fundo sonoro de música concreta onde há raspagens, percussões, rangidos de cabo metálico, etc.)*

**Capataz** *(De maneira apaixonada)*

Luzia, dos teus cabelos  
Farei o vento da noite;  
Farei as ondas serenas  
De um mar por onde me afoite  
Em busca da luz polar;  
De tuas graças morenas  
Luzia, por que a ventura  
A mim me queres negar?

**Luzia** *(Alheada)*

Não sei, de muito não sei;  
A força nunca terei  
De me vencer e sonhar...

**Capataz** *(No mesmo estilo)*

Teus olhos são mensageiros  
Teus olhos são de esperança,  
São de encantos marinheiros  
São ternuras de água mansa...  
Olhos de areia movente  
Entre a duna e a tarde quente  
Entre ressaca e bonança  
Sobre vastos oceanos

Sobre morro azul e nuvem  
Teus olhos são soberanos.

**Luzia**                    Meu sono não tem sementes...  
– Sem fruto no despertar –  
Meus olhos que floresceram  
Sem sonhos irão murchar.

**Capataz**                Às seis da tarde é que nasce  
A lua cheia, Luzia.  
Às seis os sinos começam  
Seus toques de Ave-Maria.  
Foi às seis horas da tarde,  
Seis horas daquele dia,  
Que tive a revelação:  
Te avisei e te segui  
E ao seguir-te me perdi.  
Perdi-me em teu coração.

**Luzia**                    Caminhos por onde correm  
As nuvens. Falsos caminhos!  
Veredas para ilusão.

**Capataz**                Depois te vi na varanda  
De um sobrado no Recife,  
Num dia de procissão;  
Usavas vestido novo,  
Todo de renda e galão,  
Trazias cravos no peito,  
Uma rosa em cada mão...

**Luzia** Para me encontrar não tenho  
Um firme sentido certo;  
Seguir caminhos de nuvens  
Para quê?

**Capataz** De uma outra vez,  
Para te agitar meu lenço  
E te fazer saudação,  
Colhi as rédeas de seda  
Do meu cavalo alazão;  
Que se chamava “Ideal”;  
Ah! Aquela lembrança minha  
De equipar na tua rua,  
De me dar a regalia  
De te fazer cortesia  
Num dia de Canavial,  
Lembras-te?

**Luzia** Não sei se esqueço.

**Capataz** Sabes que sou capataz:  
Fiscal de pesca no mar  
Sabes que sou capataz  
De Salema. Lá, naquela  
Praia do Norte, possuo  
Também pequeno estaleiro  
De barcos a vela. E, mesmo...  
Nasci em terras de mangue,  
Onde se abraçam as marés,  
Em cujas águas brinquei

Muitos siris apanhei  
Nas malhas dos jererés.

*(Um silêncio)*

Andei por todas as praias  
Dessa costa do Nordeste;  
Guardei todos os costumes  
De nossa gente, Luzia

*(Pausa)*

Eu sempre gostei das festas  
Onde a alegria presida;  
Das festas boas do povo  
Onde se comam comidas  
As mais gostosas do mundo:  
Pastel, filhós, bolo fino,  
Milho verde por São João,  
Milho verde do melhor;  
Curimãs das pescarias  
Da quarta-feira maior.

*(Pausa)*

Assim, bem vês, sou daqui  
Conheço a terra de cor.

*(Uma grande pausa dentro da qual se ouve o mar cantando um canto lúgubre, como se fosse um cantochão, uma reza de frades reunidos, cantando matinas. Reza que costumam rezar muito antes de amanhecer.)*

**Sinhá Ricarda** *(despertando)*

Luzia! Abre a janela:  
Está fazendo calor

Nenhum sopro há sobre a vela  
Que partiu ao sol se pôr.

*(Luzia se afasta da porta e faz a vontade da avó; o rumor do mar se reduz a um sussurro quase apagado.)*

**Luzia** *(Enfim resoluto para o capataz)*

O que é que queres de mim?  
Por que me falas de amor?  
Por que me pedes, por que  
Falas de mim como flor?  
Sou terra profunda e seca,  
És o mar claro e presente.  
Sou terra escura e constante  
És o mar independente.

**Capataz**

És a terra, és a mulher  
Que na sombra quer ficar;  
Mas na sombra que procuro  
Estás, e na sua paz  
Quero dormir, descansar.

**Luzia**

O homem que nasce é a morte  
Que nasce. Tudo o que existe  
(Vida vivendo na morte)  
Um dia desaparece  
Deixando apenas lembrança  
De uma dor, ou de uma prece.  
Sou terra humilde e senhora  
Sou terra humilde e mulher...  
A que recebe em seu seio

Tudo o que o mar rejeita  
Tudo o que o mar não quer.  
Dos mortos no mar aceita  
Os corpos que lhe vêm dar;  
Nada repele ou recusa.

**Capataz**

Por que então a mim não queres  
Que eu, para ti, seja ao menos  
Um corpo que vem do mar?  
Corpo inerte que procura  
Em teu seio repousar.

**Luzia**

Corpo vivo é, diferente  
Daqueles do mar vencidos  
Nesta praia de homens pobres,  
De pescadores sofridos  
O que sempre a terra acolhe  
Morto está. E não somente  
São as pessoas o que a noite,  
– O que a sombra da terra – escolhe  
Para guardar sua morte  
Para conter seu jamais.  
Morrem também como as gentes  
As plantas e os animais;  
Morrem mesmo os objetos  
Que se guardam, se retêm  
Por um gosto; por amor.  
Ou por lembrança de alguém.  
É morto tudo que chega  
Às regiões do esquecido;

São poucos os que se lembram  
Que na vida tudo é morto  
E tudo na terra é vida.

*(Pausa. Silêncio)*

*(Ouvem-se as vozes do mar agitado, avançando sobre a praia e, depois, recuando, se arrastando, raspando a areia dura.)*

**Sinhá Ricarda** *(Erguendo-se um pouco)*

Cuidado! que o mar derrama...  
Cuidado! que o mar rasteja...  
Como uma cobra rasteja.

**Luzia** *(Lembrando-se)*

Menina, lembro que tive  
Uma boneca de louça.  
Um dia, sem que pudesse  
Evitar, caiu, quebrou-se;  
Para mim morreu; levei-a  
E lhe fiz a sepultura  
No fundo do meu quintal;  
No dia seguinte, quando  
Olhei da porta o lugar  
Do seu último cantinho,  
– Em terra do céu chovida  
Por chuva de noite inteira,  
Sobre o seu chão derradeiro  
Um bando de canarinhos,  
Como flores de um canteiro,  
Pousava bicando a terra.

*(Pausa)*

E o bando, ao me ver na porta,  
Se ergueu nos ares, partindo.  
Da minha triste boneca  
Senti sua alma voando  
No vôo dos passarinhos.

**Capataz** (*Ironicamente*)

É bem possível que à morte  
Não só os vivos estejam  
Sujeitos...

**Luzia**

A ela estão  
Sujeitas todas as coisas:  
A terra, o ar, o povo, o mar,  
As pétreas formas dos mundos  
Que se dissolvem no além.  
Todo o começo é acabar.  
(*Pausa longa*)  
Não ignoras, certamente,  
Que a mulher é como terra:  
E como terra é mãe. Toda  
Mulher sabe dar. Dar  
Vida e, portanto, também  
Morte. Porém, como a terra,  
Ela precisa de muito  
Que em si própria não tem.  
(*Pausa. Sonhando.*)  
Houve uma vez grande seca  
Que do alto sertão nos veio;  
Tão grande que aqui chegou

Trazendo grandes receios;  
No céu passavam, sem chuvas  
As grandes nuvens em frota.  
Todas as fontes secaram  
Até no fundo das grotas.  
Dos cajueiros as flores  
Murcharam, nos coqueiros  
Todos os cocos velaram...  
Teria sido um corisco...  
Quarto mingunte imprevisto,  
De um vermelho cor de sangue,  
Surgindo sempre ao poente,  
Por cima da igreja velha...  
Muito antes do sol nascente.  
*(Pequena pausa)*  
E quanto a terra sofria!  
E quanto à terra faltava:  
– Dentro em si tudo morria

**Capataz**

Aqui tenho o que te falta:  
É o meu amor verdadeiro.  
Mais fiel que o meu veleiro.  
Velejando em maré alta.

**Luzia**

Bem sei... bem sei... e confesso...  
Sim... Sim... confesso, conheço  
Que preciso amar alguém  
Mas não sei dizer ao certo:  
Amar? Amar? Mas a quem?  
Amar são duas vontades

Unidas num só desejo,  
Num mesmo desejo apenas,  
Que se perde, ou, de amargura,  
Muitas vezes, se envenena.

*(Pequena pausa)*

Minha terra tem marés  
Marés que são de águas vivas  
Tão oscilantes que, às vezes,  
Penso que do mar, da terra,  
Minhas marés são cativas.

*(Pausa)*

Tenho caprichos antigos...  
Não sei dizer o que penso,  
Não sei se penso o que digo.

*(Pausa)*

*(Dentro do campo uniforme do rumor das ondas, soa, de repente, um alto e agitado ruído como o de uma grande risada, mistura de sons que sugere um rolar de cascalho, um choque prolongado de gelo e de vidro partidos.)*

**Sinhá Ricarda** *(Erguendo-se a meio sobre o leito)*

Risadas! Quem ri agora?  
Risadas! De quem serão?  
Cisma da noite cansada  
Frio do mar levantando  
No corpo da cerração...  
Eu tenho pontas de gelo  
Eu sinto mágoas de ferro  
Cravadas no coração.

*(A velha, erguendo-se totalmente, vai até à janela e com os*

*olhos para a escuridão ergue os dois braços; as mãos largas, espalmadas. O mar continua no seu rumor habitual).*

Velas que vão arvoradas  
 Entre dois mares violentos  
 Que vão suspensas, lançadas  
 Pelo impulso de dois ventos,  
 Quantas vezes no meu corpo  
 Senti bater por igual  
 Dois corações, dois lamentos.

*(Deixa cair os braços, ergue os olhos para o teto)*

Toda mulher é uma árvore  
 Para dar frutos nasceu,  
 Tive assim verões floridos;  
 Corações frutifiquei.

*(Com profunda tristeza)*

Seis filhos tive, seis flores  
 Que sobre o mar espalhei...

*(Mais serena)*

Toda mulher é uma várzea  
 Onde um canavial cresceu.  
 Pobre de mim! Ai de mim!  
 No fundo do mais profundo  
 Minha safra se perdeu...

### **Capataz** (*Pesaroso*)

Sinhá Ricarda...

**Sinhá Ricarda** Morreram.

Mas não morreram de fome,

Morreram morte de mar.

*(A velha se volta e se encaminha para o jirau baixo que lhe serve de leito. Senta-se. Fala com voz pausada).*

Na madrugada do dia  
Em que o primeiro morreu,  
Eu tive um sonho. Sonhei  
Que uma grande maré subia  
Até as folhas tão altas  
Dos coqueiros. E depois,  
De repente, mais depressa  
Que a rapidez de um momento,  
A grande maré desceu,  
Deixando no chão da praia  
Um corpo humano estendido.

*(Pequena pausa)*

Um corpo escuro, robusto,  
De bruços, deitado. O rosto...  
O rosto tinha escondido  
Na areia frouxa. Então,  
No silêncio que reinava  
Ouvi um longo assobio.

*(Pequena pausa)*

E vi saindo das águas,  
Na linha de terra e mar,  
As algas. As algas, como  
Uns grandes “bichos de ruma”,  
Por sobre a molhada areia,  
Em toda a extensão da praia,  
Foram vindo se arrastando.

**Luzia** Por que fala tanto, avó?  
Fraca como está, cansada,  
Pode ficar doente. Durma.

**Sinhá Ricarda** Foram vindo, foram vindo,  
Foram subindo o declive  
Da duna. Trazendo o frio...  
As frias cores do mar.  
(*Pausa*)  
Umás de verde nascente,  
Verde fino, verde claro,  
Verde primeiro e inocente;  
Outras manchadas de escuro,  
Laivadas de roxo e pardo,  
Queimadas de azougue vivo,  
Do fel das águas profundas;  
Outras ainda da carne  
Tinham a cor; da carne  
De manhã sangrenta; em muitas  
Luzia um lume fraquinho:  
Fogo manso. Vaga-lume,  
Fogo do mar no negrume.

**Luzia** Pare, descanse, madrinha  
Contará o resto amanhã.

**Sinhá Ricarda** (*Pausa*)  
Foram vindo,  
Foram subindo, envolvendo

O corpo morto estendido.  
Em pouco formaram monte,  
Um monte de alga e sargaço.

*(Pausa)*

Novamente um assobio,  
Em toda a praia se ouviu  
– Mais além se repetiu...  
E uma onda do mar subiu  
Como a língua de um gigante.  
Puxou o corpo encoberto  
Que foi flutuando n'água,  
Se afastando na corrente,  
Como um barco navegando.

*(Pausa mais longa)*

De repente a sensação  
Tive de um choque. Tremi.  
Acordei, abri os olhos.

*(Pausa)*

Longe passava um navio,  
Passava na escuridão  
Todo envolvido de luzes  
Como se fosse de flores  
De alguém cobrindo o caixão  
Tão enfeitado de cores  
Que só o Senhor dos Passos  
No dia da Procissão.

### **Capataz**

Sinhá Ricarda, seus filhos  
Todos morreram... morreram  
De “sucesso”?

**Sinhá Ricarda** (*Olhando para o capataz, faz um gesto*).

Justamente...

*(Pausa)*

Justamente uma semana

Antes daquele “sucesso”

Que a todos entristeceu...

– Um fato que, como nunca,

Nesta praia aconteceu.

Eu vi de noite, talvez

Num delírio, ou num sonho;

– Como se um sinal divino

A anunciar me viesse –

Que em breve, de uma só vez,

Três filhos meus morreriam...

Eu vi de perto um prodígio...

Vi chegar na noite fusca

De um céu fechado, medonho,

Um vento forte soprando:

Das jangadas que ficaram

Pousadas no alto da praia

Três velas desenrolaram-se...

Grossas de vento tremeram

E nas carlingas os mastros

Rangeram

*(Pausa)*

Ainda mais

Violento...

*(Pausa)*

Soprou o vento

*(Pausa maior)*

As jangadas balançaram,  
Bem lentamente moveram-se;  
Pouco a pouco sobre os rolos  
Correram, descendo. Enfim,  
Num impulso derradeiro,  
De velas cheias se ergueram  
Tomadas de um grande vôo.

**Capataz**           É uma história espantosa!

**Sinhá Ricarda**   Como aves brancas, imensas,  
As velas vivas, frondosas,  
Cheias de vento levaram  
Pelo ar as jangadas... sim...  
Por três vezes vi passarem  
Na luz do farol. Três vezes...  
Grandes, girando. Depois...  
No alto, no longe sumiram,  
Parecendo que rumavam  
Para os pesqueiros do céu.

*(Ouve-se o som do mar agora num alarido de vozes e de risos de crianças, de guizos e de chocalhos se afastando).*

Quando morreu o derradeiro  
Aquele que era o mais moço,  
Aquele que era o meu dia  
De festa, o meu dia santo,  
E que era a minha alegria,  
A minha voz, o meu canto.  
*(Pausa)*

Quando perdi o derradeiro,

Quando a jangada no espanto  
 Da noite não regressou;  
 Solta ficou no alto mar,  
 Meus olhos choraram tanto...  
 Choraram... mais que choraram,  
 Choraram mais do que pranto.

**Luzia** Avó, procure dormir,  
 Procure esquecer.

**Sinhá Ricarda** (*Relembrando*)

Depois...  
 Depois fiquei mais tranqüila,  
 Mesmo assim... Ah! Mesmo assim,  
 Não sei dizer o que tinha,  
 Não sei o mal que sofria,  
 Mas era uma dor tão dura,  
 Um sofrimento de pedra,  
 Pesava mais que doía.

**Luzia** Procure dormir, avó.

*(Perdura por certo tempo um silêncio apenas interrompido pelo bater das ondas na praia).*

**Sinhá Ricarda** (*Erguendo de novo os braços e deixando cair de súbito ao longo do corpo*).

Ventre da mulher que o sopro  
 Do amor enfuna, das velas,  
 Das manhãs trazendo a mesma  
 Inútil promessa... Promessa

De ter uma vida que...  
Que é sempre a mesma miséria.  
(*Sinhá Ricarda volta a deitar-se no jirau*).

**Capataz** (*Para Luzia*)

Luzia, talvez não queiras  
Gente do mar contigo  
– Talvez haja maldição –  
Ou previsão de um castigo  
Em tudo isto. Mas, Luzia,  
Quero porém convencer-te:  
Tudo que é bom vem do mar,  
Vem o sol, vem a manhã  
Vem a noite e o cortejo  
Das constelações; as chuvas  
Que molham a terra seca  
Que inundam mais o paul,  
É do mar que vêm, trazidas  
No sopro do vento sul.  
(*Pequena pausa*)  
Vem o sal, vem a comida  
Na carne de um peixe fresco  
Pescado em águas macias  
De pesqueiros que eu conheço,  
De pesqueiros que em lugares  
Estão, só por mim sabidos.  
É do mar que vêm preciosas  
Iguarias tão louvadas:  
Lagostas e lagostins...  
Presos à luz dos candelos

Acessos em noite escura,  
– Em noites de trovoadas.  
(*Pequena pausa*)  
Lembra-se sempre, Luzia,  
Tudo o que é bom vem do mar.

**Luzia** (*De súbito, agora com a voz firme*)

Tudo o que é bom? Não... não vem  
Vem é a miséria, é a morte  
A fome dos pescadores  
Que capatazes não são...  
Que sofrem tempos sem conta.  
Sem de ninguém proteção

**Capataz** (*Meio desconcertado e surpreso. Agitando a cabeça*)

Não! Não, exageras, exageras...  
Ouve bem, presta atenção.  
– Tudo o que é bom vem do mar,  
Tudo. Até minha própria vida  
Veio do mar – já te disse –  
Bem perto dele nasci  
A ouvir seu rumor cresci.  
Dele veio a minha sorte  
De homem contente e feliz  
Pois nunca tive um desgosto,  
Sempre vivi como quis.  
– Dos cajueiros da vida  
Tudo o que era bom tirei  
Colhi os cajus maduros  
Só maturis eu deixei.

**Luzia** (*Recordando*)

Cajueiros de setembro  
Vestidos de folhas novas,  
Folhas que são cor de vinho...

**Capataz**

Luzia, minha Luzia,  
Se queres casar comigo  
Podes contar: minha sorte  
Estará também contigo.

Todos os dias trarei  
O peixe melhor que entrar  
Nas cercas do meu curral;  
Das pescarias ao largo,  
– Faço questão que me ouças, –  
Camorins posso trazer-te,  
Ciobas e garajubas,  
Cavalas “perna de moça”.  
Nas pescarias ao largo  
Das ondas grandes no salto  
Espero que o meu anzol  
Entre outros peixes trará  
Para ti – galos do alto.  
Se queres casar comigo  
Tua será minha lancha,  
Velejando à luz do sol,  
Navegando sobre o dorso  
Das ondas do mar tão vasto.  
Tua será minha lancha,

A minha linha de corso  
A minha rede de arrasto

Da casa que te darei  
À meia encosta do monte,  
Da vala aberta, a valuma  
Verás cortar um crescente  
Muito branco no horizonte  
Azul do céu. E ouvirás  
Passar o vento; semente  
De onde vai nascer a espuma:  
Arbustos que se levantam  
No campo extenso do mar.

## **Luzia**

É o mesmo vento que planta  
A morte e a fome no ar  
Nestas esquecidas praias  
De pescadores sem lar.  
Não tenho por ti lembrança  
Que seja forte e capaz,  
Numa ponta de esperança,  
Dentro de mim, despertar  
Amor por ti, capataz.

Gosto de ficar sozinha  
De nunca ser pressentida.  
De nunca ser contemplada  
No que em mim há de mim mesmo;  
A não ser pelo arvoredado  
Que enfeita os longes das serras,

Longes que são os adeuses  
Dos lentos ares profundos  
Que virão saudar a minha  
Despedida deste mundo.

**Capataz**

Então não queres?

**Luzia**

Ah! Dizer-te  
Como poderei? Marido  
E mulher são dois num só;  
Contigo, com quem for,  
Não posso mais esconder-me.  
Nem despertar nunca mais  
Hei de ficar. Pois dormindo  
Durmo de forma incompleta;  
Pelos meus olhos fechados  
Dois olhos de alguém, pressinto,  
Sempre estão por mim velando;  
Não posso cegar no sono  
E abrir os olhos no sonho:  
Junto a mim presença estranha  
Está por mim vigiando;  
Nem posso calar na boca  
E a mim falar de saudades  
Pois sempre estão muito perto  
Dois ouvidos escutando.  
E me julgo encarcerada  
Por meu corpo me sentindo  
A um outro corpo algemada.  
Casar é louco ideal.

É no querer de ser um  
 Somente alguém se obter  
 Que inda é duplo e desigual  
 – Ilusão de achar comum  
 O que é contrário e irreal.

*(O mar canta um cântico de ruídos vários e diferentes:  
 percussões de martelos, sons de sino, clarins de alvorada, cantos  
 de galo, sopra de forjas, flutuações sonoras de fogo aberto e largo).*

**Capataz** (*Ouve tristemente o canto do mar: Numa sombra de  
 tristeza profunda*)

Nos mares de além da noite  
 Um dia penetrarei;  
 Na minha “lancha” ligeira,  
 Banhada de maresias,  
 Em frente navegarei.  
 Muito, para muito além  
 Muito, até perder de vista  
 O brilho das Três Marias.  
 Não mais verei onda brava  
 Bater nos combros de areia...  
 Hei de chegar do outro lado  
 Hei de dormir descansado  
 No reino da lua cheia.

**Luzia** (*Dominada por um pressentimento*)

Valham-me os santos do céu!  
 Senhor Bom Jesus do Monte,  
 Virgem Santa do Pilar,

Santo Antônio, Santa Rita,  
São José de Ribamar!

**Capataz** (*Volta a sua tranqüilidade habitual*)

Do que te disse e propus  
Resposta não tens enfim,  
Não queres dizer que não,  
Não sabes dizer que sim.

*(Entra um pescador e segreda alguma coisa ao ouvido do capataz)*

Já as quatro horas primeiras  
Caíram do céu sombrio;  
Vou partir para o mar alto  
Mas levando comigo  
A certeza de que um dia  
Hás de ouvir falar de mim.

**Luzia** (*Na mesma atitude incerta e irresoluta*)

O que não queres não vale  
O que não tens desconfia  
O que falando pretendes  
Não tem princípio nem fim.

**Sinhá Ricarda** (*Com esforço, do fundo do leito*).

Nem crescimento, nem morte  
Nem asa de serafim.

*(O céu se aclara aos poucos, recortando no azul ainda escuro a silhueta negra do cavername de um barco em construção e o teto baixo da caiçara.)*

- Capataz** Quatro horas de azul e prata  
Desceram em serenata  
Na sombra do meu jardim;  
Através das cercas vivas  
Dos “sítios” de lá de cima  
O terral já vem descendo  
Perfumado de jasmim.
- Luzia** De tudo mais que mais fica  
Tudo que fica é assim.
- Capataz** Vou sair para o mar alto  
E fazer valer meu braço  
Sobre estes ventos robustos,  
Esse meu braço mais forte,  
Mais duro do que a madeira  
Da sapucaia-rosada,  
Do pau-d’arco e do angelim.
- Sinhá Ricarda** Forte não será que seja  
Até capaz de vencer  
O tubarão anequim
- Capataz** Vou sair para o mar alto  
Mas vou levando comigo  
Lembrança de tua roupa  
De tua roupa cheirando  
A malva-rosa e alecrim.

*(Começa a se afastar em direção ao mar).*

Mas vou levando a certeza  
Que há de ouvir falar de mim.

*(A sua silhueta negra se vê através da janela, afastando-se em direção à praia; ouve-se continuamente o rumor das ondas. Erguendo o braço e apontando para o céu já de tom azul mais claro com a primeira e longínqua claridade do dia).*

Hás de ouvir falar de mim...  
E verás na noite azul  
A estrela negra anoitando  
A minha sorte ruim.

*(Continua a andar e desaparece, mas em meio do rumor das ondas ainda se ouve a sua voz).*

Hás de ouvir falar de mim...

.....

*(Ao se afastar o capataz, com o dia já amanhecendo, Luzia volta da porta, olhando na direção da platéia, meio alheada e apreensiva; de repente, dentro do fundo musical do som das ondas, se ouve um ronquido, um cirro; expressão de surpresa e pavor se mostra no rosto da moça. Volta de súbito a cabeça para o jirau onde está deitada a avó e a vê em decúbito dorsal, o rosto erguido, a boca aberta. Luzia corre a seu encontro. Sinhá Ricarda está morta. Num ímpeto involuntário e desesperado de quem vai ficar só no mundo, agarra o corpo e sacode-o).*

**Luzia** *(Sacudindo-a)*

Avó! Madrinha! Madrinha!  
Só, por que me deixas só?  
Minha madrinha, por quê?

*(Depois de curto momento em que fica interdita, dirige-se para um velho armário de onde tira uma manta feita de retalhos*

*de panos, e volta lentamente até o cadáver da avó; começa a cobri-lo).*

Avó! Madrinha! Madrinha!  
Morreste... Por que morreste?

*(Se detém de repente e olha de um modo alucinado. Continua a cobrir o cadáver).*

Como terra que sou, como terra,  
Sou eu mesmo quem te encerra;  
Quem te cobre para o fim.  
Morte-mãe. Morte-avó de mim.  
De mim, terra e mulher.

*(Depois de cobrir inteiramente o cadáver, Luzia, perplexa, se move como uma sonâmbula. Pensa durante um momento no que vai fazer. De súbito, ocorre-lhe uma idéia).*

Nem terra, nem mar serás  
Nem do vento hás de ter véu.  
Madrinha! Serás um farol;  
Um farol em torno do qual  
Jangadas verás passar  
Voando. Voando para além...  
Para os pesqueiros do céu.  
Jangadas de pescadores  
Mortos de fome e de mar.  
E este farol de tão breve  
Não dá para guiar navios  
Mostrando a rota a seguir,  
Mas que será o bastante  
Para a outra coisa servir;  
Mas será o bastante  
Para servir de coivara

Na minha roça perdida  
Em terra inútil e cansada,  
Nela somente deixando  
Marca de terra queimada.

*(Dirige-se para o fundo do casebre onde está a pequena e pobre cozinha, lá se demora algum tempo; depois volta, e, apanhando no velho armário as suas coisas, olha pela última vez o cadáver coberto. Sai na direção do mar, seguindo o caminho oposto ao do capataz. O sol vem nascendo. Ao sair, de Luzia a sua longa sombra se projeta, através da porta aberta, dentro do casebre. Caminha. Desaparece.*

*Acompanhado pela música do mar, ou música congênera, se ouve um canto como se dela viesse já distante).*

**Canto**

Vento terral (*bis*)  
Vento que canta  
Que sempre ouvi cantar  
Não mais te encontrarei;  
E descendo as calçadas  
Das ladeiras de Olinda  
Nunca mais te verei (*bis*)

**Coro**

Vento terral! Vento Luzia!  
Vento alento da terra  
Canto pranto da terra que morre  
  
Da terra que morre  
Estendida aos pés do mar (*bis*)

*(No mesmo tom e nas mesmas condições do primeiro canto se torna a ouvir).*

**Canto**                    Vento Luzia (*bis*)  
                                  Vento que canta  
                                  Que sempre ouvi cantar  
                                  Ainda te ouvirei  
                                  Quando enfim tu desceres  
                                  Chovendo água de chuva  
                                  No mar onde estarei (*bis*)

**Coro**                      Vento terral! Vento Luzia!  
                                  (*Etc.*)

*(Durante o canto começam a sair da cozinha novelos de fumo que vão crescendo, até que aparecem línguas de fogo que vão aumentando de intensidade, de tal maneira que, ao fim do canto, já as chamas estão envolvendo o cadáver de Sinhá Ricarda).*

**FIM**